

## Quando a autoridade “toca” a alma: considerações acerca da presença da função parental para o crescimento dos filhos<sup>1</sup>

Michele Melo Reghelin<sup>2</sup>

*“A autoridade foi recusada pelos adultos, e isso somente pode significar uma coisa: que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças.” (Hannah Arendt, 2007, p.240).*

Quando iniciei a escrita deste trabalho pensei em falar sobre o quanto a ausência e a omissão dos pais pode matar, psicicamente, os filhos. Após leituras e reflexões sobre o tema, ponderei que deveria conferir a esta tarefa, cor, luz, uma possibilidade de transpor obstáculos e promover crescimento. Com esta ideia de nascimento, e não morte, componho algumas ideias com o intuito de propor ao leitor novas reflexões acerca do papel do adulto, especialmente dos pais. “Passagens” musicais embalam a melodia deste trabalho.

*“Vida é o filho que cresce  
Uma estrada, um caminho  
É um pouco de tudo, é um beijo, um  
carinho.”*

*(Vida - Ricardo Engels Garay & Carlos  
Ludwig )*

O diálogo e a liberdade de expressão contemporânea oportunizaram aos pais o questionamento de atitudes que outrora eram consideradas corretas. No lugar disso, encontram-se agora a dúvida e a angústia sobre como educar os filhos. Os lugares ocupados pelos pais tornam-se indefinidos, e o mal-estar oriundo de tais indagações faz com que se tenha que pensar sobre os impasses vividos na educação dos filhos e se deparar com as suas falhas. Diante disso, este trabalho aborda a importância da autoridade dos cuidadores - pai e mãe - no vínculo afetivo, questionando a forma como podem ajudar as crianças a saírem de seus núcleos familiares, este que muitas vezes as aprisiona e as adoce quando não as ajudam a enfrentar a vida.

---

<sup>1</sup> REGHELIN, M. M. (2013). Quando a autoridade toca a alma considerações acerca da presença da função parental para o crescimento dos filhos resumo. Em OUTEIRAL, J. O. ; TREIGUER, J. (Orgs). *Psicanálise de crianças e adolescentes*. (pp.227-239). Curitiba: Maresfield Gardens.

<sup>2</sup> Psicóloga. Especialista em teorias e psicoterapias da infância, adolescência e adultos. Mestre em Psicologia Clínica (UNISINOS). michelereghelin@gmail.com

Não é possível negar a influência do ambiente externo para a condição saudável do desenvolvimento infantil, tendo em vista que os grupos exercem influências para a aquisição de valores. O ambiente é responsável por formar o caráter do sujeito, e nesse sentido a família pode e deve contribuir para o crescimento e enriquecimento da personalidade de cada membro, afinal *“a palavra dos pais tem eficácia simbólica”* (Kupfer, 2007, p.37).

Antigamente as famílias eram constituídas pelo casal de pais e seus filhos, ao passo que hoje as famílias podem ser constituídas pelas mais diversas configurações vinculares. Mesmo que ainda prepondere no imaginário coletivo a ideia do núcleo familiar ser constituído por pai, mãe e filhos, o homem necessariamente não é mais o provedor do lar, traçando assim novos perfis para pais e mães. Nessa perspectiva as figuras parentais se confundem no exercício de suas funções (Hack, 2010).

Falar de pai e de mãe pressupõe falar de uma ação entre pessoas que, nomeadas dessa forma, desempenham papéis e funções que envolvem as dimensões do real e do imaginário, referem Outeiral e Cerezer (2003b). A partir das experiências infantis, armazena-se um significado para mãe e um significado para pai (independente de gênero) de modo que quando eles não estão mais presentes de forma real, fica guardada a ideia simbólica do que é ser pai e do que é ser mãe, porque é preciso ir além da imagem para compreender o seu significado e a sua função (Goldstein, 1999).

*“Das roupas velhas do pai queria que a mãe fizesse uma mala de garupa... Pra que digam quando eu passe ‘saiu igualzito ao pai’.”*

(Guri - César Passarinho)

A moral da infância é reflexo das primeiras identificações vividas quando criança, e assim a sua capacidade de julgar e decifrar o mundo é construída ao longo do tempo, sendo modelada a partir do superego dos seus pais, o que pode ser visto como uma promessa para o futuro (Kaplan, 1986). Ainda que haja uma tendência para evocar o passado nostalgicamente como um recurso defensivo para se confrontar com as exigências do presente, as expressões de autoridade marcadas pelo autoritarismo já não servem mais, referem Torres e Castro (2009). Os adultos devem proteger suas crianças e apresentá-las ao mundo que já existia antes de nascerem.

No início o amor dos pais é experimentado pela forma como eles cuidam do seu bebê, provendo um ambiente favorável no qual ele tenha oportunidade para crescer. *“Na arte de viver, isto implica se dar exemplo à criança, não um melhor do que você realmente é, insincero, mas um exemplo aceitável e decente”* (Winnicott, 1963/1983, p.95). Dessa forma, os primeiros objetos de amor desejados – pai e mãe – são os primeiros representantes de autoridade, de lei e de ordem. *“São os olhos que vêem e as vozes que proíbem.”*<sup>3</sup> (Kaplan, 1986, p.104)”. Eles freiam o desejo e regulam a sua consumação, garantindo segurança à criança. Esse diálogo de proteção, vital, é responsável por gerar momentos de discussão e, portanto, ódio, já que as crianças necessitam expressar seus sentimentos, pontos de vista, discordando e até mesmo frustrando os pais que tanto amam.

Para poder ser é preciso ter uma figura paterna na qual se tenha respeito para poder desafiá-la, enfrentá-la a fim de superá-la, tendo a certeza de que ela é capaz de sobreviver a tudo isso (Corso, 2011). Ser amado é o que se espera da figura materna que desde a vida intrauterina abriga seu bebê, mas para crescer é fundamental sair dessa zona de conforto que é o aconchego da mãe e olhar o exterior com os próprios olhos. Para que esse olhar se constitua, o pai deve interromper essa ligação simbiótica existente entre mãe e bebê, entrando na relação através das brincadeiras e do estímulo à exploração do mundo. Através do exercício da função crítica, o pai representa o princípio de realidade em meio ao prazer que existe entre a mãe e o bebê, demarcando o limite da interdição do incesto e inaugurando, desta forma, o psicológico da criança que a ajudará a entender as exigências necessárias para viver fora do grupo familiar. Ainda, é possível dizer que o vínculo entre pai e filho é uma conquista de ambos, já que não há gestação, amamentação e cuidados maternos primários envolvidos. A mãe torna-se intermediária dessa relação ao permitir a entrada do pai, legitimando a relação. Nessa triangulação, são exercidas as funções de afeto e proteção.

*“... Há muita coisa que você tem que saber... Olhe pra mim, estou velho, mas sou feliz. Eu já fui como você é agora, e eu sei que não é fácil ficar calmo quando você*

---

<sup>3</sup> Son los ojos que vigilan y las voces que prohiben.

*Percebeu algo acontecendo. Mas vá com calma, pense muito...*<sup>4</sup> (Father and son - Cat Stevens)

A atitude dos pais é um exemplo a ser seguido pela criança, pois o modo como interagem com os outros e as relações que estabelecem causam impacto sobre os filhos, que reproduzirão com seus pares o que viram e o que aprenderam. Nesse sentido, Hack (2010) acrescenta que pais que não impõem limites aos filhos contribuem para que a criança perpetue o seu narcisismo infantil e a sua onipotência, dificultando que tomem contato com o princípio de realidade, permanecendo no princípio do prazer e, portanto, não podendo amadurecer. Fachin e Calveti (2011) contribuem ao dizer que a criança que cresceu não percebendo os limites da convivência social provavelmente invadirá o espaço do outro. Sendo assim, o adulto tem a responsabilidade de promover o diálogo intervindo no momento adequado, fazendo com que a criança se reconheça nas situações em que está envolvida e a auxiliando na compreensão dessa dinâmica (Vieira, 2009). Ademais, o adulto deve enxergar a criança, a sua singularidade sem julgar seu passado ou presente, analisando como ele se comporta diante dela.

*“Oh, bebê. Você sempre irá ser uma criança para mim.*

*Mãe, precisava ser tanto?”*<sup>5</sup>

*(Mother – Pink Floyd)*

A capacidade do indivíduo de tolerar surge quando ele se depara com a frustração, mas existem duas possibilidades para lidar com essa situação: ou a criança foge dela mediante o aval dos pais, que angustiados ou culpados não conseguem intervir, ou a criança inventa uma alternativa para lidar com o problema, adaptando-se à realidade (Fachin & Calveti, 2011). Esta segunda hipótese é o que torna a criança criativa e capaz de enfrentar conflitos. Tal consideração faz refletir sobre o ônus que a atitude permissiva dos pais pode acarretar à criança, que ao desafiar seus pais constantemente na tentativa de pedir ajuda, exige-lhes que exerçam o papel que lhes é devido, de ajudar a criança a se reorganizar psiquicamente. A figura paterna enfraquece

---

<sup>4</sup> “...There's so much you have to know... Look at me, I am old but I am happy. I was once like you are now and I know that it's not easy. To be calm when you've found something going on. But take your time, think a lot...”

<sup>5</sup> “Oh, baby. You'll always be baby to me. Mother, did it need to be so high?”

seu papel como representante da lei quando, na ânsia de agradar o filho, deixa-o vulnerável ao desenvolvimento de patologias com uma base mais narcísica (Hack, 2010). Assim, a violência (real ou imaginária) pode ser entendida como um sinalizador de um pedido de ajuda para reencontrar organização no que está em desordem.

Frente a isso, a omissão dos pais muitas vezes é uma forma de defesa frente a uma sociedade opressiva, na qual se abomina a solidão, na qual a reflexão se confunde com depressão e timidez e onde a privacidade não existe, já que as invasões são evidentes, diz Corso (2011). Desde a infância as crianças já são superexigidas para que tenham o melhor desempenho escolar, ganhem competições e avancem nos estudos, pois não é permitido frustrar-se. Ou não podem frustrar seus pais? Tristeza e decepção não podem mais fazer parte do cotidiano, sendo designadas como patologias, até mesmo sendo prescritas medicações psiquiátricas.

Entende-se que a presença da autoridade é fundamental para o desenvolvimento do sujeito porque as leis são necessárias para sustentar as relações humanas e promover o convívio na civilização. Ela é responsável por guardar as regras do grupo, fazer valer o seu cumprimento e ser reconhecida por um saber diferenciado (Torres & Castro, 2009). Entretanto o estilo parental autoritário com baixo envolvimento afetivo pode trazer prejuízos aos filhos, como um rendimento escolar moderado e até mesmo o desenvolvimento de um comportamento antissocial, referem Fachin & Calveti (2011) Se há coerção, pode gerar hostilidade e agressividade no contato com figuras de autoridade.

Confundir obediência com crescimento é um equívoco para Winnicott (1963/1983), porque a obediência traz recompensas imediatas, e faz com que a criança se adapte ao meio para satisfazer o outro (*falso self*). Ademais o fato de a autoridade exigir alguma obediência acaba por ser confundida com poder ou violência (Arendt, 2007). Sobretudo há que se ter cuidado com os argumentos utilizados para as crianças, pois eles colocam a autoridade em suspenso quando se utiliza da coerção. Para não se deixar subjugar, é preciso que exista hierarquia entre quem manda e quem obedece, na qual ambos se reconheçam e tenham seu lugar estável, predeterminado, afinal pais e filhos precisam se assumir como sujeitos da sua história.

Como exemplo pode-se pensar no crescente fracasso escolar que denuncia uma educação baseada numa suposta igualdade escolar entre adultos, crianças, homens e

mulheres. Esta identificação horizontal, livre de modelos de referência marcados pela diferença, é responsável pelo enfraquecimento das referências simbólicas na família, produzindo efeitos desestruturantes da autoridade e conseqüentemente do professor (Fontes, 1999). Os mestres que deveriam ser uma referência para o aluno, por serem representantes e apresentarem o saber, acabam por ser solicitados a exercer novos papéis, tendo em vista que os pais transferem direitos e deveres educativos que deveriam pertencer à família (Costa, 2010).

O declínio da autoridade tem efeitos diretos sobre a educação, e conseqüentemente o professor não ocupa o lugar de modelo com o qual o aluno deveria se identificar, diz Cohen (2004). O distanciamento entre a posição ocupada e a desejada provoca movimento contínuo, harmonizando laços sociais e efeitos de construção cultural. Deste modo, ao educador compete o papel de auxiliar o seu aluno na compreensão do funcionamento das relações existentes, além de ajudar o aluno a transformar as suas ansiedades em palavras para que não se transformem em atos.

A presença real dos pais, através dos comportamentos, atitudes e do convívio familiar, é imprescindível para a aquisição interna de regras dos seus filhos. Ao fazer uma comparação com a vida intrauterina, Outeiral e Cerezer (2003a) referem que o feto é livre para crescer, sendo protegido pelas paredes intrauterinas, sugerindo que é preciso ter um ambiente de tempo e espaço delimitados, sem riscos ou ameaças para que a criança possa se desenvolver. A falta de continência torna o indivíduo desamparado e, dependendo da intensidade das suas vivências, ele poderá desistir das suas ambições ou obter satisfação dos seus impulsos através da agressividade.

*“Mãe, você me teve, mas eu nunca a tive. Eu te quis, você não me quis. Então eu, eu apenas tenho que lhe falar. Adeus, adeus.*

*Pai, você me deixou, mas eu nunca o deixei. Eu precisei de você, você não precisou de mim. Então eu, eu apenas tenho que lhe falar. Adeus, adeus.”<sup>6</sup>*

*(Mother - Johnn Lennon)*

---

<sup>6</sup>Mother, you had me, but I never had you. I wanted you, you didn't want me. So I, I just got to tell you. Goodbye, goodbye.

Father, you left me, but I never left you. I needed you, you didn't need me. So I, I just got to tell you. Goodbye, goodbye.

A criança não tem aparelho psíquico suficiente para aguentar as demandas da realidade que por vezes a deixam “enlouquecida”. Ela não entende o peso do que é imposto a ela, e o papel dos pais fará diferença na forma como seus filhos compreenderão os limites que lhe forem dados. Ela precisa gradativamente se apropriar dos seus atos para que possa tomar consciência do que significa autoridade e autonomia, e para isso, precisa se sentir segura quanto ao seu modo de agir. É justamente nesse momento que entra o papel do adulto de orientá-la para que um dia tenha autonomia (Vieira, 2009). Os adultos são responsáveis pelo nascimento psíquico das crianças, quando através do vínculo de confiança transmitem a cultura e permitem a experiência criativa (o brincar). Ao experimentar desafios diversos do cotidiano, sendo apoiada e orientada, a criança compreende a noção de que existem limites que precisam ser respeitados para poder conviver harmoniosamente com o outro.

*“No dia em que eu saí de casa minha mãe me disse: filho, vem cá... A minha mãe naquele dia me falou do mundo como ele é... Parece que ela conhecia cada pedra que eu iria por o pé.” (No dia em que eu saí de casa - Zezé di Camargo & Luciano)*

O adulto deve cumprir sua função de identificar situações de risco e amparar a criança. Porém, vivenciar conflitos do cotidiano faz parte do desenvolvimento e aprendizado para a vida adulta. Ao adulto cabe a tarefa de apoiar, escutar, mas nunca antecipar situações e vivências ou concluí-las pela criança por medo de que ela possa sofrer, traumatizar ou ainda se frustrar. Conforme Vieira (2009), a autonomia deve ser conquistada, e o adulto proporciona que isso aconteça quando não antecipa situações. Através da autonomia, a criança poderá realizar suas atividades com iniciativa, construindo sua própria identidade.

*“São crianças como você. O que você vai ser, quando você crescer?” (Pais e Filhos, Renato Russo)*

Cabe então aos pais e educadores não reproduzir a moral dominante e ocuparem os seus devidos papéis, saindo da condição de filhos, desamparados, e assumindo-se como adultos (Fachin & Calveti, 2011). Na pauta da vida, devem acompanhar a caminhada do filho, dando-lhe um norte até que ele se constitua como sujeito capaz de pensar e assumir suas atitudes. Aos pais e às mães não cabe o papel de seres temidos, mas de heróis capazes de “salvar” o filho das armadilhas que o mundo impõe. Mas que

este “salvar” seja entendido como o fato de proporcionarem aos filhos o seu crescimento psíquico, através da participação das experiências inerentes à vida. Caminhando ao seu lado e mostrando o mundo – com suas alegrias, tristezas, direitos e deveres –, o pai ou a mãe o ajudará a enfrentar os obstáculos, a lidar com conflitos, além de lhe fornecer todo suporte necessário para lidar com o amor e o ódio, o que lhe conferirá vida.

É preciso lembrar ainda que mais do que punir a criança quando ela infringe uma regra, é imprescindível que ela aprenda com exemplos que confirmam sentido para que as palavras não caiam ao vento. Mais do que uma educação moral, deve-se, portanto, oferecer à criança a oportunidade de ser criança para que desenvolva um modo genuíno de expressão, para que aprenda a lidar com os conflitos inerentes à vida além de “administrar” os seus desejos, que nem sempre serão realizados. E assim, compor sua própria música.

*“- O jogo começou, aperta o Start, na vida você ganha, cê perde,  
meu filho. Faz parte.*

*- Ih! É ruim, eu não gosto de perder. Nem me lembro há quanto  
tempo que eu não perco pra você.*

*- Calma filho, você ainda tem que crescer. O jogo apenas começou e você tem muito  
pra aprender...”*

*(Loadeando - Marcelo D2)*

## Referências

- Arendt, H. (2007). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- Cerezer, C. Outeiral, J. (2003a). Agressividade, transgressão e limites no desenvolvimento da criança e do adolescente. Em J. Outeiral e C. Cerezer, *O mal estar na escola*. (pp.41-50). Rio de Janeiro: Revinter.
- Cerezer, C. Outeiral, J. (2003b). Importância da função paterna no desenvolvimento da criança e do adolescente. Em J. Outeiral e C. Cerezer, *O mal-estar na escola*. (pp.51-63). Rio de Janeiro: Revinter.
- Cohen, R.H.P. (2004). O traumático encontro com os outros da educação: a família, a escola e o Estado. *Psicologia em Revista*, 10 (16), 256-269.
- Corso, D. L. (2011). *A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso.
- Costa, R. P. B, Lima, M. C. P., & Pinheiro, C. V. Q. (2010). Os impasses da educação na adolescência contemporânea. *Boletim de Psicologia*, LX(132), 97-106.
- Facchin, T. H. J. Calvetti, P. Ü. (2011). Quando o não é sinônimo de amor. *Psico*, 42(1), 16-22.
- Fontes, A. M. (1999) "Fracasso escolar": um sintoma social? *In: I Colóquio do Lepsi. IP/FE – USP. Anais. A Psicanálise e os Impasses da Educação*. São Paulo, Annablume, p.108-113.
- Goldstein, R. Z. (1999). *Por que Lacan?* Rio de Janeiro: Revinter.
- Hack, Soraya Maria Pandolfi Koch. (2012). A presença da... Ausência paterna. *Novo Hamburgo: IPSI*, 4, 32-37.
- Kaplan, L. J. (1986). *Adolescência. El adiós a La infância*. Baelona, Paidós.
- Kupfer, M. C. (2007). *Educação para o Futuro*. Psicanálise e Educação. São Paulo: Escuta.
- Torres, M. C. E. Castro, L. R. (2009). *Resgatando e atualizando os sentidos da autoridade: um percurso histórico*. Rio de Janeiro, *Paideia*. 19 (42), 87-96.

Vieira, A. M. (2009). Autoridade e autonomia: uma relação entre a criança e a família no contexto infantil. *Revista Iberoamericana de Educación*. 49/5, 1-10.

Winnicott, D. W. (1983). Moral e Educação. Em D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. (pp.88-98). Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1963).